

AFETIVIDADE, UM INSTRUMENTO DIDÁTICO

João da Silva Carvalho Neto

RESUMO - Este artigo pretende propor a existência de aspectos energéticos presentes nas relações interpessoais em sala de aula, envolvendo alunos e professores. Atualmente, existem estudos capazes de sustentar uma teoria que explique a produção de afetos para além dos mecanismos abstratos da mente, situando-a na expansão de estruturas físicas mais amplas que o cérebro. Com isso, a sensibilidade recíproca entre os componentes de uma sala de aula pode estar permitindo que emoções e sentimentos se toquem, literalmente, produzindo um veículo para a circulação do saber, como o ar o é para o som.

UNITERMOS: Afetividade; didática; veículo energético; aprendizagem.

No que diz respeito aos fatores que influenciam a aprendizagem, certamente a afetividade está entre os mais importantes. Apesar de não se poder prescindir da motivação, até esta dependerá das relações afetivas estabelecidas entre aluno e professor.

Dentro de uma relação pautada pela afetividade existe confiança, respeito, liberdade com responsabilidade. Sabe-se o que se deseja, mas aprende-se a respeitar o espaço do outro sentir e desejar também.

Mas esta relação pode ser muito mais complexa do que se possa imaginar, indo para além de conceitos abstratos, envolvendo estruturas físicas que estariam regulando as inter-relações humanas.

Sabemos pouco a respeito da natureza da nossa mente. Ela é a base de toda a nossa

experiência e de toda a nossa vida intelectual e social, mas ignoramos, de fato, o que seja e também a sua extensão. Nesse sentido é preciso diferenciar a estrutura cerebral, composta de neurônios, da mente onde se iniciam todos os processos diretivos da vida. Várias culturas e religiões acreditam que a mente não está confinada ao cérebro. As filosofias orientais falam do reflexo dessa mente no conceito de aura. Os russos, em suas pesquisas de para-psicologia, avançaram muito quando descobriram uma estrutura energética que rodeia o corpo humano a qual eles denominaram de corpo bio-plásmico. Hoje, aparelhos sofisticados de medicina perscrutam nossos corpos, captando os campos eletromagnéticos emitidos pelas células, descobrindo enfermidades imperceptíveis à simples captação visual.

João da Silva Carvalho Neto - Psicanalista, Psicopedagogo, Terapeuta Floral, Graduado em Educação Física, Presidente do Conselho Municipal de Educação de Saquarema, RJ.

*Correspondência
Rua Virgílio Serrano 299 - Boqueirão – Cep 28990-000
- Saquarema – RJ – joaoneto@prosa.com.br*

Em compensação, por mais de 300 anos, a teoria dominante no Ocidente – proposta pelo filósofo francês René Descartes, no século XVII – afirmando que a mente se localiza no cérebro, negou a crença dos filósofos da Grécia Antiga de que a mente racional integraria uma alma maior, em grande parte inconsciente, que permeava e animava todo o corpo. Para ele, a consciência localizava-se no cérebro, mais precisamente na glândula pineal. Nosso modelo mecanicista de percepção do mundo tem suas bases nessa visão materialista e fecunda nossas ações até os dias atuais¹.

A noção de mundo cartesiano-newtoniana, com sua definição de espaço-tempo absoluto, de partículas sólidas elementares, de matéria fundamental, de concepção do corpo como uma grande máquina controlada pelo cérebro, não pode ser estendida aos domínios em que a Física agora penetra.

Esse modelo de mente contraída, confinando a alma ao cérebro, vem sendo a causa de inúmeros debates.

A teoria Quântica, descoberta pelo físico alemão Max Planck (Prêmio Nobel em 1918), vai dar início a uma conceituação relativista do universo, e será Albert Einstein um dos primeiros a reconhecer o seu valor revolucionário. Nesse universo, de estruturas em equilíbrio dinâmico e permanentemente interligadas, a consciência humana desempenha um papel fundamental, deixando de ser mera observadora para tornar-se um participante capaz de influenciar e ser influenciado.

Um embriologista, por exemplo, pode, de algum modo, influenciar o desenvolvimento dos tecidos embrionários que ele está observando. Em psicologia e medicina, os efeitos do experimentador explicam-se geralmente como influências transmitidas por “sugestões imperceptíveis”. A possibilidade de incluírem tendências “paranormais”, como telepatia e psicocinese, nem chega a ser discutida na elegante sociedade científica. No entanto, testes comprovam que o efeito placebo (produtos inócuos que são administrados a doentes como se fossem potentes medicamentos) ocorrem com

mais força nos experimentos duplamente cegos (*double-blind*), onde tanto pacientes quanto médicos crêem que um vigoroso tratamento novo está sendo aplicado. Se os médicos acreditarem que o tratamento não é tão eficaz, obtém-se um pequeno efeito placebo. Nos testes em que os pacientes também sabem que estão ingerindo uma substância inativa, a eficiência é menor ainda.

A sensação de alguém estar sendo observado por outra pessoa à distância não é mera credence como se supunha. Alguns experimentos isolados indicam que “a força do olhar” pode ter explicações no princípio da expansão da mente. Desse modo, a possibilidade de a mente se expandir e se projetar pode ser considerada “possível”.

A mesma teoria se aplica à questão dos membros-fantasmas. Depois que as pessoas perdem um membro, geralmente não perdem a sensação da sua presença. É como se ele continuasse lá, embora não mais como realidade física. Algumas pessoas nascidas sem as mãos sentem a presença de dedos, que até podem ser dobrados.

Pombos-correio sempre encontram o caminho de volta para casa, mesmo sob as mais adversas condições. Animais domésticos “sabem” quando seus donos estão voltando, sentando-se à porta para esperá-los.

Inexplicada também permanece a capacidade dos cupins e de outros insetos sociais, como as formigas e abelhas, de construir ou reconstruir estruturas complexas como os cupinzeiros, formigueiros e colméias. Como formas de vida consideradas primitivas, que só conseguem visualizar uma fração da obra, poderiam conceber, na totalidade, a planta do produto final? Além disso, a construção é concluída com o trabalho de várias gerações. Os operários agem em conjunto, de forma organizada e previsível. Mas como conseguem comunicar-se com tamanha eficiência em períodos tão longos de tempo?

Algumas teorias podem dar embasamento para que venhamos a entender as possibilidades de explicação para esses fatos.

O princípio *einsteiniano* de que toda a matéria é energia constitui não só a base para compreender porque os seres podem ser considerados sistemas

energéticos, como também da compreensão de energia e matéria como duas manifestações da mesma substância universal, em ordens inclusivas cada vez mais abrangentes.

Pierre Weil, doutor em Psicologia, vice-presidente da Universidade Holística Internacional e principal mentor do movimento holístico no Brasil, define a abordagem holística da realidade *"como a tendência a lançar pontes sobre todas as fronteiras e reducionismos humanos"*². Há uma tentativa de ver esta tendência holística na natureza como uma série de conjuntos que se estendem a partir de conexões inorgânicas até níveis muito elevados.

Assim, nas séries progressivamente mais complexas, com tendências organizativas de uma abrangência cada vez maior, a rede de interligações já não seria mais mecanicista e sim holística. De tal forma, matéria, vida e mente, longe de serem descontínuas e distintas, vão aparecer como séries mais ou menos interligadas e progressivas do mesmo grande processo.

Tais questões foram estudadas pelo biólogo inglês e filósofo da natureza Rupert Sheldrake, da Universidade de Cambridge, em seu livro *"Sete Experimentos Que Podem Mudar o Mundo – Pode a Ciência Explicar o Inexplicável?"*.

Sheldrake acredita que a abordagem mais promissora é pensar, por exemplo, a organização holística das colônias de cupins em termos de campos. Nesse caso, os insetos seriam coordenados pelos campos sociais, que conteriam os projetos de construção das colônias³. Assim como a organização especial da limalha de ferro ao redor de um ímã depende de um campo magnético, também a organização dos cupins na colônia talvez dependa de um campo-colônia. Elaborar modelos sem levar em consideração esses campos é o mesmo que tentar explicar o comportamento da limalha de ferro ao redor do ímã sem considerar o campo, como se o padrão brotasse de programas existentes no interior de cada partícula de ferro.

O conceito de campos *morfogenéticos* surgiu na década de 20, postulado por embriologistas e biólogos para explicar como as plantas e animais se desenvolvem. Os campos eram considerados

projetos ou planos invisíveis que moldam os organismos em desenvolvimento. O conceito de campo *morfogenético* é hoje amplamente adotado por biólogos desenvolvimentistas.

Sheldrake defende que todos os questionamentos acima citados, sobre os fenômenos ligados aos seres vivos, estão relacionados e talvez constituam manifestações de um novo tipo de campo que abarca as partes separadas de um sistema orgânico e as liga entre si. Esses seriam os campos mórficos, que também poderiam ser chamados de "campos biológicos" ou "campos de vida"³.

Sheldrake crê que os campos mórficos se tratam de campos de um novo tipo. *"Acredito que as propriedades holísticas e auto-organizadoras de sistemas de quaisquer níveis de complexidade, das moléculas às sociedades, dependem desses campos. Os campos mórficos não são fixos: evoluem. Possuem uma espécie de memória interna, que depende dos processos de ressonância mórfica, ou seja, a influência do igual sobre o igual ao longo do tempo e do espaço"*, afirma³.

Ele observa que todas as teorias científicas convencionais se inserem no paradigma da mente contraída: esquemas corporais, imagens e fantasmas têm de estar dentro do cérebro. Mas, se a mente se estende para dentro e para fora do corpo, não há porque confinar a imagem do corpo ao cérebro, ou mesmo ao tecido nervoso.

Assim como um indivíduo pode ser afetado quando está sendo observado por outra pessoa, pode sê-lo igualmente quando é "tocado" por um membro-fantasma. Qualquer que seja a natureza do campo subjacente ao membro-fantasma, a pessoa "tocada" está organizada por campos semelhantes, de modo que os campos do amputado e os do sujeito podem influenciar-se.

Pelo que demonstra o biólogo Rupert Sheldrake, os campos mórficos, que se estendem no espaço-tempo e moldam a forma e o comportamento de todos os sistemas do mundo material, e a capacidade que esses campos possuem de distribuírem-se imperceptivelmente pelo espaço-tempo, conectando todos os sistemas individuais que a eles estão associados, chamada de ressonância mórfica, podem explicar e alargar

a compreensão das relações interpessoais em diversos sentidos e, especificamente, as relações entre professores e alunos em uma sala de aula.

No espaço de aprendizagens de uma sala de aula está se formando um sistema de campos mórficos oriundos de todas as individualidades presentes – alunos e professores. Esse sistema, através da ressonância mórfica, é alimentado pelas partes e as influencia reciprocamente, servindo de base energética para a transmissão de afetos e aprendizagens.

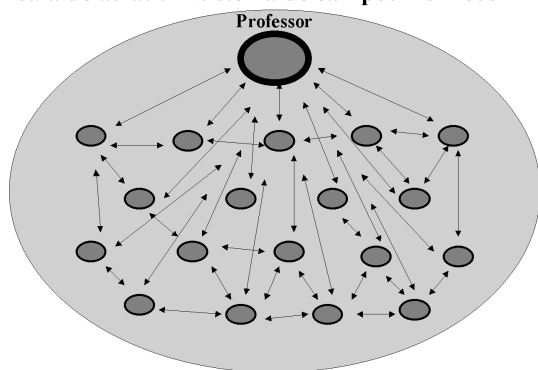
Falar de afetividade, atualmente, pode ser muito mais do que falar de boas relações. Parece-me que estamos diante de uma interação de forças emitidas por cada um, e que formam uma verdadeira atmosfera mental onde nos fazemos mergulhar.

Se assim for, o ambiente de aprendizagem não passa apenas por uma sala de aula bem montada, com estímulos aos sentidos dos alunos. Será também uma ambiência psíquica sadia e respaldada na sustentação de correntes mentais harmoniosas e agradáveis.

As dificuldades encontradas pelos colegas professores passam muitas vezes pelo distanciamento afetivo que inviabiliza a compreensão e, portanto, gera desencontro de objetivos e trajetórias.

Nossa sociedade vive momentos difíceis em vários sentidos, criando um *stress* emocional que, quase sempre, se transforma em atitudes agressivas diante do outro. A insatisfação mútua – já que não é só do professor mas também dos alunos – acaba construindo uma ambiência emocional que inviabiliza o fluxo salutar das correntes mentais onde o saber se expressa.

Sala de aula: um sistema de campos mórficos



A falta de predisposição para chegar ao outro, para criar pontes energéticas para a estruturação de um sistema eficiente de sustentação do processo, faz com que ele se torne mais difícil ou quase impossível.

O desamor pela tarefa, a projeção de nossos conflitos pessoais sobre os alunos, a insatisfação profissional com o contexto de trabalho, tudo isso, mesmo que mascarado sob um comportamento disciplinar, estará gerando obstáculos para o sucesso das aprendizagens que deveriam se desenvolver.

Claro que não se espera do professor uma atitude imune aos dissabores da vida, nem que ele, como ser humano que é, não esteja sujeito aos afetos positivos ou negativos que se impõem pela sua sensibilidade emocional.

Queremos sim, apontar que a afetividade é um dos principais instrumentos didáticos que o professor possui para o encaminhamento de seu trabalho. Sem ela, mesmo provido de recursos tecnológicos ou de estratégias bem elaboradas, será impossível atingir o objeto a que se destinam suas ações, o aluno.

Seria mera utopia imaginarmos a sustentação permanente de uma vivência ideal para a relação professor – aluno. Contudo, diante da constatação dos fatos apresentados, temos a certeza de que investir nela é mais que uma necessidade, é um imperativo para a superação das dificuldades que têm levado a um verdadeiro estado de sofrimento e angústia para ambas as partes.

Talvez, em outras palavras, tudo isso possa expressar aquilo de que um filósofo Nazareno nos falou há muitos séculos atrás e ainda esquecemos de vivenciar: o amor!

*Teus olhos finalmente descobrirão
que todas as coisas
de aqui e do além,
por imortal poder
escondidamente tão ligadas estarão,
que não poderás
tocar numa flor
sem que faças
uma estrela tremer.*

Francis Thompson

SUMMARY

Affectionateness, a didactic instrument

This article intends to consider the existence of energetic aspects existing in interpersonal relations in classroom, involving pupils and professors. Current studies are capable of supporting a theory that explains production of affection for beyond the abstract mechanisms of the mind, pointing out to expanding of physics structures ampler than brain. With this, mutual sensitivity between the components of a classroom can be may allow that emotions and feelings to touch themselves, literally, producing a vehicle for circulation of knowing, as air is for sound.

KEY WORDS: Affectionateness; didactic; energetic vehicle; learning.

REFERÊNCIAS

1. Capra, F. O tã da Física. São Paulo, SP; Editora Cultrix; 1983.
2. Weil, P. Nova linguagem holística. Rio de Janeiro, RJ; Editora Espaço e Tempo; 1987.
3. Sheldrake, R. Sete Experimentos Que Podem Mudar o Mundo. São Paulo, SP; Editora Cultrix; 1994.

Trabalho realizado no Instituto Carvalho Neto - Ican.

Artigo recebido em 04/01/2003

Aprovado em 24/01/2003 ■